

Diálogos com o cânone: revisitando os clássicos no romance *Sede*, de Amélie Nothomb

Dialogues with the canon: revisiting the classics in the novel *Sede*, by Amélie Nothomb

Luciana Muniz Ribeiro¹
Camila Soares López²

Resumo: Este artigo analisa como o romance *Sede* (2021), de Amélie Nothomb, estabelece diálogos com o cânone literário francês, especialmente por meio dos intertextos de François de Malherbe e Marcel Proust. O estudo fundamenta-se nas reflexões de Leyla Perrone-Moisés (2016) sobre literatura, cânone e memória, bem como nas teorias de Antoine Compagnon (1996), Authier-Revuz (2007), Roland Barthes (2004) e Tiphaine Samoyault, (2008), sobretudo quanto aos conceitos de citação, alusão e intertextualidade. Por meio da análise, busca-se compreender como Nothomb reinscreve textos da tradição literária em uma nova tessitura narrativa, transformando a herança canônica em matéria viva de criação e sentido.

Palavras-chave: *Sede*. Amélie Nothomb. Intertextualidade. Cânone literários franceses.

Abstract: This article examines how Amélie Nothomb's novel *Sede* (2021) establishes dialogues with the French literary canon, particularly through the intertexts of François de Malherbe and Marcel Proust. The study is grounded in Leyla Perrone-Moisés's (2016) reflections on literature, canon, and memory, as well as in the theories of Antoine Compagnon (1996), Authier-Revuz (2007), Roland Barthes (2004), and Tiphaine Samoyault (2008) concerning citation, allusion, and intertextuality. Through this analysis, the article seeks to understand how Nothomb reinscribes texts from the literary tradition into a new narrative fabric, transforming canonical heritage into living material for creation and meaning.

Keywords: *Sede*. Amélie Nothomb. Intertextuality. French literary canon.

1. Mestranda em Estudo Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mrluciana80@gmail.com. 

2. Professora efetiva do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: camila.lopez@ufu.br. 

Submissão: 07 out. 2025 ↔ Aceite: 25 fev. 2026



Introdução

Na literatura, texto e memória são dimensões que se atravessam, fazendo com que a escrita traga, invariavelmente, o entrelaçamento de outras vozes, outros tempos e outras mãos. Escrever é, nesse sentido, um gesto de lembrança, de diálogo, mas, sobretudo, de expansão e ressignificação. É nesse contexto que se insere a intertextualidade, definida por Tiphaine Samoyault (2008, p. 10) como “o produto da memória que a literatura tem de si mesma”. Ao tratar desse tema, a autora também recorre ao termo “biblioteca do escritor”, com o intuito de enfatizar a relação entre os textos lidos previamente pelo autor (sua biblioteca) e sua própria produção literária.

Nas obras da escritora belga Amélie Nothomb, a intertextualidade é considerada uma característica marcante (Verstichel-Boulager, 2021). Em sua publicação sobre escritores(as) belgas, Bainbrigge (2004) comenta que, na criação literária de Nothomb, a intertextualidade desempenha um papel preponderante, sendo possível identificar o uso de várias referências explícitas, bem como alusões, jogos de palavras, citações, autocitações e paródias. Chevillot (2012) acrescenta que, por meio de suas narrativas, Nothomb convida-nos à leitura ou releitura de grandes clássicos e, ao fazer uso da intertextualidade, indiretamente solicita que seus leitores leiam os textos mencionados em suas fontes originais, na integralidade, já que foram eles que alimentaram sua própria escrita, assim como alimentaram suas personagens. Ainda segundo Chevillot, a atividade de leitura é um tema tão intrínseco no trabalho de Nothomb que não ler além da escrita da autora seria o mesmo de não a ler completamente.

Quanto às obras e autores clássicos, Italo Calvino, na introdução de seu livro intitulado *Por que ler os clássicos*, explica que esses são “aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (Calvino 1993, p. 11). Como conclusão, o autor afirma que os clássicos servem, então, para entender quem somos e aonde chegamos, daí a grande importância de conhecê-los (e lê-los).

No que se refere aos clássicos ocidentais, Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 23) os caracteriza como uma “herança da cultura” e acrescenta que seus herdeiros são não somente os leitores, mas sobretudo os escritores atuais, que assumem o encargo de fazer tal herança prosperar. Enfatiza ainda que as grandes obras do cânone ocidental não constituem um patrimônio imóvel, mas sim um legado incessantemente disseminado e reinterpretado pelos escritores atuais. A autora conclui, portanto, que a melhor reinterpretação desta literatura é aquela que se realiza nas novas obras que a prosseguem, nas quais a presença do passado se manifesta de modo sincrônico, por meio dos intertextos e da memória da literatura oriundos da biblioteca do(a) escritor(a).



Articulando tais conceitos à obra de Nothomb, apresentamos aqui seu romance *Sede* (2021), indicado ao prêmio *Goncourt* ³de 2019 e objeto de análise deste estudo. Nele, Jesus é a principal personagem e relata, em primeira pessoa, suas memórias a respeito de seus últimos dias na Terra, incluindo sua crucificação. Ao longo da narrativa, Jesus reflete sobre eventos por ele caracterizados como “os três pilares da humanidade”, aqueles que dão sentido ao encarnar e ser humano: amar, morrer e ter sede, sendo esse último o próprio título do livro. Em suma, pode-se considerar que a tônica principal do romance seria retratar um “Jesus humano” que, ao longo de seu itinerário de reflexões, busca compreender, principalmente, por que se deixou ser crucificado.

Em *Sede*, Jesus faz uso de várias citações, alusões e referências, as quais parecem variar de objetivo, podendo aparecer, por exemplo, como um recurso de validação de um argumento, negação de uma ideia, convergência e divergência de opiniões ou ilustração de um fato. Entre tais intertextos, destacam-se aqueles de autores franceses considerados como clássicos e pertencentes ao cânone ocidental, como François de Malherbe e Marcel Proust. Infere-se que a presença dessas vozes permite à escritora dialogar com tradições literárias consolidadas, ao mesmo tempo em que possibilita a criação de novos sentidos na narrativa. Assim, entendemos que o estudo dos textos pertencentes à “biblioteca da escritora” nos possibilita uma melhor compreensão do seu processo de criação, nos tornando leitores mais aptos para a identificação e compreensão das multicamadas e diversidades de sentidos presentes em sua obra.

Diante do exposto, buscamos analisar e compreender como esses textos, contidos na biblioteca da escritora, se entrelaçam, dialogam e contribuem para a produção de sentidos da narrativa investigada.

Quanto aos referenciais teóricos por nós adotados, concernentes à intertextualidade, constata-se que é Julia Kristeva quem compõe e introduz este termo, por meio de dois artigos publicados na revista *Tel Quel*⁴. O primeiro, de 1966, intitulado *A palavra, o diálogo, o romance*, traz a primeira ocorrência do termo. O segundo, de 1967, intitulado *O texto fechado*, define a intertextualidade como o “cruzamento num texto de enunciados tomados

3. *Prix Goncourt*, ou Prêmio Goncourt, é um prêmio literário francês que condecora escritores (as) de expressão francesa, criado por testamento por Edmond de Goncourt, concedido pela Academia Goncourt desde 1903. Com um júri composto por dez escritores (as), o prêmio é concedido ao melhor romance do ano. É considerado como o mais cobiçado prêmio literário da França (*Encyclopédie Larousse*).

4. Revista literária francesa fundada em 1960 e publicada trimestralmente pela Éditions du Seuil até 1982. Serviu como plataforma para o discurso literário e teórico de vanguarda durante as décadas de 1960 e 1970. Fundada por Philippe Sollers, apresentava contribuições de pensadores proeminentes como Roland Barthes, Jacques Derrida e Julia Kristeva, abrangendo temas como semiótica, psicanálise e marxismo. Proporcionou um espaço crítico para explorar e moldar o pensamento pós-estruturalista e a direção dos estudos literários contemporâneos. Fonte: Internet Archive. *Tel Quel*. Disponível em: https://archive.org/details/pub_tel-quel?tab=about. Acesso em 2 mai. 2025.



de outros textos” (Samoyault, 2008, p. 15). Kristeva retoma tal discussão em sua obra de 1969, denominada *Séméiotikè, Recherches pour une sémanalyse*, em que fica evidente a inspiração da autora nas ideias e conceitos de dialogia e polifonia desenvolvidos por Mikhail Bakhtin.

O tema da intertextualidade continuou a ser estudado por diversos(as) pesquisadores(as) da literatura, como Roland Barthes, cujo pensamento em relação a este assunto se aproxima do de Julia Kristeva, já que, para ambos, a intertextualidade assume um caráter relacional com a cultura, a memória e as vivências do indivíduo, que transporta para sua leitura e escrita uma compilação desse arcabouço individual e coletivo por ele experienciado, seja de forma consciente ou inconsciente.

Em relação à prática intertextual da citação, Antoine Compagnon publicou, em 1979, um trabalho sistemático sobre o assunto, em seu livro intitulado *La seconde main ou le travail de la citation*, o qual foi parcialmente traduzido para o português, em 1996, sob o título: *O trabalho da Citação*. Nele, a citação é considerada como a prática intertextual dominante. Além disso, Compagnon destaca a sua importância para a literatura, visto ser ela uma ferramenta que, além de evidenciar as referências do autor (sua biblioteca), por meio do reconhecimento da presença de outros autores, também nos possibilita vislumbrar o seu processo criativo, o qual pode ser considerado como o mediador do diálogo entre o escritor em questão e seus predecessores. Assim, pode-se pensar a citação como um recurso de linguagem que favorece o desenvolvimento de novas ideias e formas de expressão, contribuindo para a construção de uma tradição literária viva e em constante evolução.

Já no que tange à alusão, Samoyault explica que, nessa modalidade intertextual, as marcas de heterogeneidade estão menos presentes do que na citação. Dessa forma, ela “tanto pode não ser lida como também o ser onde não existe” (Samoyault, 2008, p. 51). Nesse mesmo sentido caminham as proposições de Authier-Revuz (2007), ao abordar a alusão como um jogo dialógico no qual o enunciador, ao empregá-la, aposta no outro-receptor para o reconhecimento de um terceiro-outro. Acrescenta ainda que a alusão é fundamentalmente da ordem do sentido.

Entende-se, portanto, que, na alusão, a presença do intertexto é sugerida e, por isso, sua identificação exigirá uma participação mais ativa por parte do leitor, o qual precisará acessar seus saberes, memórias e repertórios pré-existentes, ou seja, sua própria biblioteca.

A partir de tais referências, passaremos à análise dos trechos intertextuais por nós selecionados para compor este estudo.



O prazer das manhãs

O primeiro intertexto refere-se a uma citação feita por Jesus, quando, após ser julgado e condenado à morte, tem, em sua cela, sua última noite de sono e seu último despertar antes da crucificação:

Um poeta, cujo nome não sei, dirá no futuro: **“Todo o prazer dos dias está nas manhãs.”** Também sou dessa opinião. Adoro a manhã. Há uma força inexorável nessa hora do dia. Mesmo se, na véspera, tenha acontecido o pior, há uma pureza matinal (Nothomb, 2021, p. 52, grifo nosso).

A frase acima, citada por Jesus, pertence ao escritor francês François de Malherbe e está presente no poema intitulado *Sur le mariage du Roy et de la Reyne*⁵, de 1615. Nascido em Caen, Normandia, em 1555, Malherbe foi poeta, crítico literário e tradutor francês, destacando-se principalmente por suas obras como poeta oficial da corte francesa, sobretudo no reinado de Henrique IV. Nomeado por volta de 1605, ele foi responsável por criar e consolidar um estilo poético que refletisse os ideais de ordem, racionalidade e elegância, valores que estavam em consonância com a visão política de centralização e estabilidade promovida pela monarquia. Como poeta da corte, Malherbe produzia obras que celebravam eventos importantes do reino, como nascimentos, casamentos, vitórias militares e alianças políticas. Ele também compunha peças encomendadas para homenagear membros da realeza e da nobreza. Sua função era essencialmente diplomática, utilizando a poesia como um instrumento de propaganda para glorificar o rei e fortalecer a imagem do Estado. Essa função tornou-o influente e aproximou-o de políticos e literatos da época. Seu estilo é marcado pela busca da pureza e clareza na linguagem, estabelecendo normas rígidas para a composição poética, criando padrões que influenciaram escritores posteriores, sendo estudado e citado ao longo dos séculos, tornando-se, portanto, um clássico (*Encyclopaedia Universalis*, s.d.).

O poema aqui abordado foi escrito por ocasião da celebração do casamento de Luís XIII, rei da França, e Ana d'Áustria, infanta de Espanha, que, à época do casamento, tinha apenas 14 anos de idade (*Britannica*, s.d.). Como é de se imaginar, essa união foi altamente significativa do ponto de vista político, pois representava a consolidação de uma aliança entre os dois principais reinos católicos da Europa, em um contexto de intensas rivalidades internacionais.

5. Sobre o casamento do rei e da rainha (tradução nossa).



Malherbe compôs o poema como uma ode ao enlace dos dois monarcas, destacando a importância desse matrimônio como símbolo de paz e harmonia entre as nações. Ele segue os preceitos do classicismo nascente, com uma linguagem elegante, precisa e bem-estruturada. A obra reflete as principais temáticas poéticas deste escritor: a celebração do monarca e a exaltação dos valores políticos e culturais associados à corte francesa:

*Mopse, entre les devins l'Apollon de cet âge,
Avoit toujours fait esperer
Qu'un soleil qui naistroit sur les rives du Tage
En la terre du lys nous viendrait éclairer.*

*Cette prediction sembloit une aventure
Contre le sens et le discours,
N'étant pas convenable aux regles de nature
Qu'un soleil se levast où se couchent les jours.*

*Anne, qui de Madry fut l'unique miracle,
Maintenant l'aise de nos yeux,
Au sein de notre Mars satisfait à l'oracle,
Et dégage envers nous la promesse des cieux.*

*Bien est-elle un soleil , et ses yeux adorables,
Déjà veus de tout l'orison,
Font croire que nos maux seront maux incurables,
Si d'un si beau remede ils n'ont leur guerison.*

*Quoy que l'esprit y cherche, il n'y voit que des chaines
Qui le captivent à ses loix.
Certes c'est à l'Espagne à produire des reines,
Comme c'est à la France à produire des rois.*

*Heureux couple d'amants, nostre grande Marie
A pour vous combattu le sort ;
Elle a forcé les vents, et dompté leur furie :
C'est à vous de gouter les delices du port.*

*Goutez-le, beaux esprits, et donnez cognoissance,
En l'excez de vostre plaisir,
Qu'à des coeurs bien touchez tarder la jouissance,
C'est infailliblement leur croistre le desir.*

*Les fleurs de vostre amour, dignes de leur racine,
Montrent un grand commencement,
Mais il faut passer outre, et des fruits de Lucine
Faire avoir à nos vœux leur accomplissement.*



*Reservez le repos à ces vieilles années,
Par qui le sang est refroidi :
Tout le plaisir des jours est en leurs matinées ;
La nuit est déjà proche à qui passe midy.*
(Malherbe, 1897, p. 174-75, grifo nosso)⁶

Nos versos aqui apresentados, é possível constatar que o poeta associa o prazer dos dias ao frescor das manhãs, as quais funcionam como um recurso metafórico para a juventude. No início do poema, Ana, extremamente jovem, é comparada ao sol que, nascido nas margens do Tejo, viria iluminar a Terra do Lírio. Para o sujeito lírico, a jovem seria o sol que nasce onde os dias se põem. Portanto, o sol, assim como as manhãs, seriam metáforas para a mocidade e todo o prazer e vigor nela contidos. Próximo ao final do poema, Malherbe ressalta que aquela seria a época oportuna ao início promissor da união e à concepção dos frutos desse enlace, os filhos, visto ser notória a importância, para as famílias reais, de conceber herdeiros, visando à manutenção das dinastias e a consolidação das alianças políticas. Corroborando com essa ideia, identifica-se, na estrofe anterior àquela que contém a citação, a referência à Lucina, deusa do parto na mitologia romana. Dessa forma, nota-se que, em seu poema de celebração às bodas de Luís XIII e Ana D'Áustria, Malherbe convoca os noivos a aproveitarem a energia e o calor da juventude (das manhãs) para providenciar os herdeiros, alicerces dessa união política e, também, garantia de fortalecimento do poder e de relativa paz.

Já em *Sede*, o verso é citado em um momento da narrativa em que Jesus acaba de ter seu último despertar, já que este seria o derradeiro dia, antes de sua morte. Neste instante, ele reflete sobre a satisfação do repouso seguido pelo prazer do acordar, acompanhado pela “força inexorável” das manhãs, convidando sempre ao recomeço. Ademais, é importante lembrar que o romance aborda Jesus em sua humanidade e, portanto, as sensações e emoções constituem-se em elementos imperativos para que a personagem vivencie essa condição.

Podemos, pois, entender que tanto no verso original de Malherbe quanto na citação de Jesus, as manhãs atuam como uma metáfora para o novo, o (re)início, um momento de renovação e esperança. É possível depreender, assim, que Jesus, ao citar o verso de Malherbe, utiliza esse recurso intertextual como um reforço, uma maneira de ilustrar e validar suas impressões sobre seus sentimentos de prazer em relação às manhãs e à energia de ação presente nesse momento. Nota-se, dessa forma, que os senti-

6. Por se tratar de um poema e por não havermos encontrado nenhuma tradução consagrada para o português, optamos por mantê-lo em sua língua original, privilegiando, assim, a sonoridade e a métrica dos versos.



dos atribuídos por Malherbe e Nothomb para o mesmo enunciado não são idênticos, mas complementares, nos fazendo perceber que o intertexto não destrói, mas amplia a significação inicial, produzindo novos sentidos, o que coaduna com os pressupostos de Compagnon, ao argumentar que:

A questão “O que ele quer?” parece ser a única que convém à citação: ela supõe, na verdade, que uma outra pessoa se apodere da palavra e a aplique a outra coisa, porque deseja dizer alguma coisa diferente. O mesmo objeto, a mesma palavra muda de sentido segundo a força que se apropria dela: ela tem tanto sentido quanto são as forças suscetíveis de se apoderar dela. O sentido da citação seria, pois, a relação instantânea da coisa com a força real que a impulsiona (Compagnon, 1996, p. 48).

Dessa forma, pode-se considerar que, ao citar o verso de Malherbe, Nothomb não apenas revisita um clássico da poesia francesa, mas utiliza sua “força narrativa”, como expresso por Compagnon, para reinscrevê-lo em um novo horizonte de sentidos. Esse gesto intertextual evidencia, portanto, a potência criativa da escritora em dialogar com o cânone, reafirmando sua vitalidade e atualidade.

Assim como o poema de Malherbe, outros intertextos canônicos presentes no romance revelam-se igualmente fecundos, permitindo novas leituras e reinterpretações, como exposto a seguir.

Sobre as memórias: da literatura e de Proust

Dando continuidade às análises, examinaremos agora uma outra passagem do romance, em que, diferente da anterior, o intertexto é apresentado indiretamente, de forma a introduzir o tema que será abordado e discutido por Jesus neste momento da narrativa:

Um dos maiores escritores dirá que o sentimento amoroso desaparece na morte para ser transformado em amor universal. Quis verificá-lo com Madalena. Antes mesmo que ela percebesse minha presença, fiquei desconcertado ao reencontrá-la. A lembrança do meu corpo a tomou em seus braços, ela me apertou contra si com frenesi, nada alterava nosso fervor (Nothomb, 2021, p. 114, grifo nosso).

Nota-se que, nesse trecho, o narrador anuncia o intertexto vindouro ao iniciar o parágrafo com: “um dos maiores escritores dirá”. No entanto, ao apresentar tais dizeres, não se verifica a presença de marcas tipográficas específicas. Isso exclui, a priori, a possibilidade de classificá-lo como uma



citação. Afinal, de acordo com Samoyault (2008, p. 49), essa tipologia intertextual é imediatamente identificável devido ao uso de aspas, itálicos ou à eventual separação do texto, evidenciando a heterogeneidade entre o texto citado e o texto que cita.

Assim, ao tentar classificar esse intertexto dentro das tipologias das práticas intertextuais, poderíamos pensá-lo como uma referência. Porém, ainda de acordo com Samoyault (2008, p. 50), essa prática, apesar de não expor o texto citado, a este remete-se “por um título, um nome de autor, de personagem ou a exposição de uma situação específica”, o que também não vemos acontecer neste caso.

Contudo, e auxiliando-nos nessa investigação sobre as classificações em relação às tipologias e práticas intertextuais, a autora supracitada aborda a alusão e nos esclarece que ela pode remeter a um texto anterior sem marcar a heterogeneidade tanto quanto a citação. Acrescenta ainda que, algumas vezes, ela remete mais a uma constelação de textos do que a um texto preciso (Samoyault, 2008, p. 50).

Ao investigar o intertexto aqui analisado, entendemos que a alusão dialoga com o romance *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, conhecido como sua principal obra. Nessa narrativa em sete volumes, escrita entre 1908 e 1922 e publicada entre 1913 e 1927, o narrador reflete sobre temas filosóficos, psicológicos e sociológicos, como o tempo, a memória, a arte, a morte e o amor (Py, 2016).

Ressalta-se que, ao estudar este romance e pesquisar sobre seu autor, não encontramos nenhum enunciado *ipsis litteris* ao proferido por Jesus no trecho aqui explorado. Contudo, se considerarmos a alusão como a retomada de uma constelação de textos, conforme proposto por Samoyault, é possível inferir que a frase citada por Jesus alude à obra de forma geral, todavia, mais explicitamente ao seu último volume: *O tempo recuperado*, traduzido em outras edições brasileiras como *O tempo redescoberto*, em que Proust sugere que, com a morte do ser amado, o desejo e o ciúme que marcam o amor terreno se desvanecem, permitindo que este se transforme em uma forma mais ampla e desinteressada de afeição, numa espécie de transfiguração desse sentimento.

Relacionando tais alusões com a narrativa principal do romance *Sede*, percebemos que, nele, Jesus e Maria Madalena vivem um amor “humano”, repleto de sentimentos e sensações característicos do amor experimentado por seres encarnados, materiais. Reciprocamente apaixonados, Jesus, em vários momentos da narrativa, reflete sobre esse sentimento e nos confidencia: “Nesse momento inconcebível no qual escolhi meu destino, não sabia que este implicaria em me apaixonar” (Nothomb, 2021, p. 36).



No romance, a alusão praticada por Jesus encontra-se em uma de suas reflexões que acontece logo após o episódio conhecido, na cultura cristã, como ressurreição. Em *Sede*, Jesus narra o que sentiu no momento do reencontro com Madalena e conclui que, mesmo após a morte, seus sentimentos em nada se alteravam.

Considerando esse contexto, podemos entender que a alusão aqui utilizada serve como um contraponto, ou mesmo um ponto de divergência em relação à percepção da personagem, pois, contrariamente ao que Proust representa em seu romance, Jesus não considera que após a morte o amor se transfigure. Em sua experiência com Madalena, mesmo após essa passagem, seu amor continua tendo características humanas, materiais, como o desejo físico pelo toque do corpo. Já no romance *Em Busca do Tempo Perdido*, o narrador compartilha a ideia de que o amor e as relações pessoais, embora marcados por possessividade e efemeridade em vida, adquirem, após a morte, um sentido mais elevado e se eternizam na memória e na arte, ou seja, o sentimento amoroso deixa de ser possessivo e pessoal para tornar-se universal. Porém, Jesus irá contradizer tais ideias ao experimentar, mesmo após a morte, as lembranças vivas do corpo, associando-as a sentimentos passionais como “frenesi” e “fervor”, observados no trecho acima exposto e aqui discutido.

Ainda sobre as práticas intertextuais empregadas por Nothomb nessa altura da narrativa, também é interessante verificar como, no parágrafo seguinte ao desta alusão, a personagem nos traz a confirmação de que o autor a quem alude é mesmo Marcel Proust. Assim, dando continuidade às suas reflexões sobre o amor, Jesus acrescenta:

O mesmo escritor aborda esse assunto em um conto intitulado “O fim do ciúme.” O narrador, um ciumento doentio, cura-se dessa doença no momento de sua morte e deixa, simultaneamente, de estar apaixonado. Esse escritor tem uma concepção muito especial do ciúme: aos seus olhos, ele constitui praticamente a totalidade do amor. Como também fui um homem comum, lembrei-me de que, quando era vivo, a ideia de Madalena com outro me era desagradável. Agora é preciso reconhecer que essa perspectiva me é indiferente. Então, o escritor tem razão: o ciúme não deixa rastros após a morte. Mas ele está errado, ao menos no que me diz respeito: o ciúme e o estado amoroso não se sobrepõem (Nothomb, 2021, p. 114-115).

Nesse trecho, nota-se que a personagem faz uma referência explícita ao nome da obra com a qual irá dialogar: o conto “O fim do ciúme”, também do escritor Marcel Proust. Esse texto irônico, publicado em 1896, narra a história de Honoré de Tenvres, que vive um relacionamento amoroso com a



bela Françoise Seaune, até o momento em que, devido ao comentário de um amigo a respeito de sua companheira, o ciúme começa a atormentá-lo profundamente, sobrepondo-se ao amor que imaginava sentir por Françoise. Porém, eis que chega o momento próximo à sua morte, no qual irá concluir:

“Aqui está”, pensou, “meu puro amor por Françoise. Deixei de ser ciumento, pois estou muito perto da morte; mas não importa, era necessário que assim fosse, para que eu enfim sentisse por Françoise o verdadeiro amor.

[...]

Mas ele não a amava mais, nem de maneira diferente do que amava o médico, as velhas parentas, os criados. E este foi o fim do seu ciúme (Proust, 2018).

Assim, comparando o trecho de *Sede*, no qual o intertexto com o conto se faz presente, e o trecho original da obra de Proust, é possível observar que Jesus aproxima-se da representação de Proust ao concordar que a morte dissipa o ciúme. Por outro lado, afasta-se dela ao discordar que a morte põe fim ao estado amoroso, passionai.

Ademais, ao expor o nome da obra, facilitando sua associação ao nome de Proust, é possível conjecturar que, para Nothomb, seria importante que o leitor identificasse que a alusão feita anteriormente referia-se ao romance *Em Busca do Tempo Perdido* e, por isso, tentou assegurar-se de que ela não se perderia, pois, como afirma Authier-Revuz:

[...] uma alusão falha não corresponde à perda de algo acessório, mas à perda de um sentido “a mais”, algumas vezes crucial; uma alusão “fracassada” é como um “barco carregado de sentidos” que se encontra à deriva, sem alcançar o seu porto de destino (Authier-Revuz, 2007, p. 26).

Dessa forma, ao fazer referência à obra “O fim do ciúme”, a autora tenta garantir que o diálogo intertextual se estabeleça, ampliando, assim, o portfólio de produção de sentidos.

Ainda sobre essas duas obras de Proust, é importante notar a repetição do tema *ciúme* em ambas, sendo possível considerar, inclusive, o conto “O fim do ciúme” como um laboratório literário, uma experimentação, para o desenvolvimento deste assunto que, posteriormente, seria tão bem explorado no romance *Em Busca do Tempo Perdido* (Py, 2016, p. 11). Nessa obra, o tema do ciúme se faz presente sobretudo no que se refere aos sentimentos de Charles de Swann por Odette de Crécy, no primeiro volume, intitulado *No Caminho de Swann*, como no trecho em que se segue, no qual o narrador expõe a escalada de ciúmes de Swann em relação à Odette:



No começo, não se sentiu enciumado de toda a vida de Odette, mas apenas dos momentos em que uma circunstância, talvez mal interpretada, o levara a supor que Odette pudesse enganá-lo. Seu ciúme, como um polvo que lança um primeiro tentáculo, depois um segundo e um terceiro, se fixava solidamente àquele momento de cinco horas da tarde, depois de um outro, depois a um terceiro ainda.

[...]

E como não seria misantropo, se em todo homem que via enxergava um amante possível para Odette? E assim o ciúme de Swann, mais ainda que o fizera o prazer voluptuoso e risonho que tivera no começo com Odette, alterava o caráter dele e transformava por completo, aos olhos dos outros, o próprio aspecto dos sinais exteriores pelos quais esse caráter se manifestava (Proust, 2016b, p. 240-41).

Destaca-se que o mesmo tema irá se repetir na relação entre Albertine Simonet e o narrador, no quinto e sexto volumes, intitulados respectivamente como *A Prisioneira* e *A Fugitiva*. Assim, podemos observar o estabelecimento de uma relação dialógica, a qual se instaura tendo como um dos elos as reflexões a respeito do ciúme, que vai sendo tecida, elaborada e aprimorada ao longo do trabalho do autor. Tais ideias corroboram com os pressupostos de Barthes, ao afirmar que:

Todo texto é um intertexto, outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, com formas mais ou menos reconhecíveis; os textos da cultura anterior e da cultura ambiente. Todo texto é um tecido novo de citações passadas. [...] Epistemologicamente, o conceito de intertexto é o que traz para a teoria do texto o volume da socialidade: é toda linguagem, anterior e contemporânea, que vem para o texto não pelo caminho de uma filiação detectável, de uma imitação voluntária, mas segundo o caminho da disseminação – imagem que garante ao texto o status de *produtividade* e não de *reprodução* (Barthes, 2004, p. 275-276).

Entendemos, portanto, que os intertextos aqui apresentados exemplificam e demonstram a importância da biblioteca do(a) escritor(a) em seu processo criativo. Esta, juntamente à memória, contribui para o resgate de ideias que serão transformadas e ressignificadas. Além disso, para que o diálogo entre o texto e o leitor se estabeleça, é necessário que este acesse também seus saberes, memórias e repertórios pré-existentes, ou seja, sua própria biblioteca.

Em relação às experiências de escrita e leitura e suas inter-relações, Compagnon, no início de sua obra *O trabalho da citação*, ao relembrar suas prazerosas atividades com papel, tesoura e cola, no seu tempo de criança, afirma que a leitura e escrita são, na vida adulta, substitutos desse jogo da



infância. Acrescenta ainda que “recorte e colagem são as vivências fundamentais com o papel, das quais a leitura e a escrita não são senão formas derivadas, transitórias, efêmeras” (Compagnon, 1996, p. 11). Para o autor, “o texto é a prática do papel”. Compagnon conclui e reforça esse raciocínio evocando os exemplos de Joyce e Proust, que, segundo ele, comprovariam tal definição. Em especial, destaca que Proust “pregando aqui e ali seus pedaços de papel, comparava de bom grado seu trabalho ao do costureiro que constrói um vestido, mais do que ao do arquiteto ou do construtor de catedrais” (Compagnon, 1996, p. 12).

Retomando a discussão a respeito do que faz uma obra literária ser considerada um cânone, Perrone-Moisés (2016) conclui que:

O grande juiz da obra literária é o tempo. Se uma obra continua a suscitar novas leituras, não é porque ela contém valores essenciais, mas porque ela corresponde a indagações humanas de longa duração, concernentes à vida e à morte, ao amor e ao ódio, à paz e à guerra, e porque essas indagações estão nela formuladas numa linguagem cuja eficácia significativa é reconhecida por leitores de sucessivas épocas. É esse reconhecimento que faz um “clássico” e o insere num cânone (Perrone-Moisés, 2016, p. 29).

Assim, ao se pensar sobre os temas centrais da obra de Proust, aqui já expostos, é possível compreender por que este autor é considerado um dos grandes cânones da literatura ocidental. Da mesma forma, são essas mesmas indagações humanas que formam o itinerário de reflexões de Jesus, em *Sede*, conectando essas duas obras de forma ainda mais ampla, promovendo o diálogo intertextual que mantém a literatura em constante movimento, renovando sua memória e produzindo sentidos inéditos a cada leitura.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, foi possível observar como, em *Sede*, Amélie Nothomb revisita sua biblioteca de autores clássicos. Ao recorrer aos textos de Malherbe e Proust, a escritora estabelece um diálogo com obras reconhecidas como canônicas, ao mesmo tempo em que as transforma, ampliando seus sentidos.

Ademais, entendemos que as análises aqui apresentadas ilustram como a intertextualidade é capaz de renovar o texto original, possibilitando ao leitor contemporâneo experienciar uma leitura inédita dos clássicos, evidenciando, dessa forma, a importância da “biblioteca do escritor” e da memória da literatura no processo de interlocução entre passado e presente,



fazendo com que os cânones permaneçam vivos não por um valor fixo em si, mas pela capacidade de suscitar novas leituras, diálogos e entendimentos.

Referências

ANNE OF AUSTRIA. In: **Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Anne-of-Austria>. Acesso em 02 mai 2025.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Nos riscos da alusão. Traduzido por Ana Vaz & Doris Arruda Carneiro Cunha. **Revista Investigações**, v. 20, n. 2, p. 9-46, 2007.

BAINBRIGGE, Susan. Identité, Altérité et Intertextualité dans l'écriture de Neel Doff, Dominique Rolin, Jacqueline Harpman et Amélie Nothomb. **Nouvelles études francophones**, v.19, n.2, p. 31-42, 2004.

BARTHES, Roland. **Inéditos, Vol. 1: teoria**. Tradução de Ivone Castilho Beneditti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 336p.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHEVILLOT, Frédérique. Amélie Nothomb: invitation à la lecture. **Women in French Studies**, Special Issue. p. 195-212, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. 176p.

KRISTEVA, Julia. **Séméiotikè: recherches pour une sémanalyse**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

MALHERBE, François de. **Encyclopaedia Universalis**. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/francois-de-malherbe>. Acesso em 10 dez. 2025.

MALHERBE, François de. Sur le mariage du Roy et de la Reyne. In: MALHERBE, François de. **Œuvres poétiques de Malherbe. Réimprimées sur l'édition de 1630, avec une notice et des notes par Prosper Blanchemain**. Paris: E. Flammarion (Librairie des Bibliophiles), 1897. p. 174-175.

NOTHOMB, Amélie. **Sede**. Tradução: Gisela Bergonzoni. São Paulo: Planeta, 2021. 128p.

NOTHOMB, Amélie; SAVIGNEAU, Josyane. Écrire, écrire, pourquoi? Amélie Nothomb: Entretien avec Josyane Savigneau. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2010. 27p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Tradução: Fernando Py. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2016a.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann**. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.



PROUST, Marcel. **O fim do ciúme e outros contos**. Tradução: Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre, L&PM Pocket: 2018.

PY, Fernando. **Prefácio**. In: PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução: Fernando Py. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2016.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução: Sandra Nitri. São Paulo: Hucitec, 2008. 160p.

VERSTICHEL-BOULANGER, Eolia. Le processus scriptural nothombien: une identité hybride. **Hybrida**, v. 2, p. 143-59, 2021. <https://doi.org/10.7203/HYBRIDA.2.20637>.

